

2.2. OS DESASTRES NATURAIS NA IMPRENSA LOCAL MADEIRENSE

O CASO DE 1920

Ana Paula Almeida¹

Resumo

A Madeira foi assolada, em Fevereiro de 1920, por um grande temporal. A ilha foi vítima de chuvas desmedidas e fortes vendavais, que desencadearam cheias e derrocadas. Resultaram, desta tempestade, muitos danos pessoais (alguns mortos, vários feridos, numerosos desalojados) e materiais (prejuízos agrícolas, estragos nas comunicações, danos nas habitações, entre outros).

Recorrendo a alguma imprensa local da época, pretende-se conhecer: a forma como os periódicos tratavam a informação do acontecido; a importância que davam ao sucedido; e como revelavam (ou não) a existência (ou não) de uma memória de um acontecimento trágico como este.

Palavras-Chave: Temporal, Cheias, Vendavais, Madeira, Imprensa

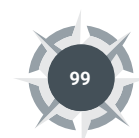
Abstract

Madeira island was reached, in February 1920, by a great storm. The island was experienced unreasonable rainfalls and strong winds that caused landslides and flooding rains. As a result, there were many personal (some dead, many wounded and evacuees) and material injury (agricultural losses, damaged communications, destruction of houses, among others).

Using some local press of that time, we intend to find out: how the journals maintained the incident information, the importance they assigned to succeed, and how was revealed (or not) the existence (or not) of a memory of an event tragic like this.

Key Words: Storm, Floods, Gale, Madeira, Press

¹Licenciada em História e Ciências Sociais pela Universidade do Minho (1989/1994). Mestre em Arte e Património pela Universidade da Madeira (2006/2008) com apresentação da dissertação Lugares e Pessoas do Cinema na Madeira – Apontamento para a História do Cinema na Madeira de 1897 a 1930. Realizou várias comunicações alusivas ao tema. Integra a equipa de investigadores do projecto multidisciplinar “(Des)Memória de desastre? Cultura e perigos naturais. Madeira, um caso de estudo” (CECC-UCP/CIERL-Uma). É professora do Quadro de Escola da Escola Básica dos 2.º e 3.º Ciclos da Torre, Câmara de Lobos, onde lecciona História e Cidadania e está envolvida na Educação e Formação de Adultos



Introdução

A presente comunicação tem como objectivo perceber o modo como a imprensa abordou (ou não) o temporal de 1920. Ao iniciarmos esta pesquisa colocaram-se várias questões: faria a imprensa regional referência aos desastres ocorridos na Ilha? Como era feita a abordagem? Qual a importância dada a estes fenómenos? Haveria referência a desastres anteriores?

A fonte usada foi a imprensa regional da época, nomeadamente *Diário de Notícias* (anos de 1920 e 1921); *O Comércio da Madeira*, auto intitulado “Diário Republicano Independente” (primeiros semestres dos anos de 1920 e 1921); *Trabalho e União*, auto denominado “Semanario órgão dos trabalhadores em geral” (anos de 1920 e 1921); e *A LUZ*, declarado como “Quinzenário órgão e propriedade da 6.ª Filial da Associação do Registo Civil” (anos de 1920 e 1921).

No século XIX, com o incremento e a massificação do jornalismo, o jornal passou a ser “um meio com uma força institucional e social muito forte” (Peixinho, s.d: 14). Não obstante a elevada taxa de analfabetismo, a imprensa tornou-se um bem público e com forte impacto na opinião e instrução públicas (Peixinho, s.d: 8-14), o que faz dela uma boa fonte para a época em estudo.

A análise dos dados pesquisados organiza-se em duas partes: a forma, isto é, o destaque que a imprensa dá ao desastre e o modo como a notícia surge enquadrada no jornal; e o conteúdo, ou seja, como é descrito o sucedido, que linguagem usa e que acontecimentos destaca.

O temporal de Fevereiro de 1920, segundo a imprensa regional

A Forma

Relativamente à tempestade que atingiu a Madeira a 25 de Fevereiro de 1920, o *Diário de Notícias*² e *O Comercio da Madeira*, do dia 26 de Fevereiro, relatam o ocorrido. O *Diário de Notícias*, na primeira página, com o título “O Tempo. A cidade inundada e intransitável” faz uma breve referência às chuvas constantes que caíram no Funchal e arredores, causando “pequenas inundações” e impedindo a normal circulação nas ruas. As chuvas foram acompanhadas de “constante ventania” causando vários prejuízos. Deu, ainda, outras informações, nomeadamente sobre o vapor costeiro (Funchal - S. Cruz e Machico), que tinha saído às 3 horas da tarde, vendo-se obrigado a voltar para trás ao chegar à Ponta da Oliveira devido ao estado do mar.³

Esta pequena notícia, sem autor identificado, encontra-se colocada ao lado de um artigo transcrito de *A Capital*, com o título “MADEIRA: a perola do Oceano” e com o subtítulo “Telegrafia sem fios – Questão sacarina. Regulamentação do jogo”. É de salientar que esta última notícia ocupa, aproximadamente, 1/3 da página.

O Comercio da Madeira, do mesmo dia, publica uma notícia relativa ao temporal, com o título “À ÚLTIMA HORA. Os temporais no Funchal. As nossas ribeiras. Paredes ameaçando derrocada. Ruas intransitáveis”. A informação encontra-se na primeira e segunda páginas, sem menção ao autor. A notícia ocupa 1/3 da primeira página e indica que a chuva abundante e o vento forte não permitiram a recolha de informação. Contudo, relata várias situações: inundações, prejuízos, comunicações interrompidas, entre outras.⁴

No dia seguinte, 27 de Fevereiro de 1920, as notícias são muito mais explícitas e completas. No *Diário de Notícias*, a notícia “Os temporais de há dois dias. PREJUIZOS INCALCULAVEIS” ocupa 1/3 da primeira página e faz um relato da situação um pouco por toda a Ilha. Menciona que

²Conforme grafismo da época.

³*Diário de Notícias*, 44º ano, Funchal, Quinta-feira, 26.02.1920, p.1

⁴*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Quinta-feira, 26.02.1920, pp.1 e 2

⁵*Diário de Notícias*, 44º ano, Funchal, Sexta-feira, 27.02.1920, p.1

a “violenta tempestade de vento e chuva” assola o Funchal há dois dias. O mesmo acontece em diversos pontos da Ilha, causando “incalculáveis prejuízos”.⁵ À semelhança das notícias anteriores, regista-se a ausência de autor.

Em *O Comercio da Madeira*, sob o título “Os últimos temporais. Prejuisos na agricultura. Canas e vinha. Ultimas noticias do norte.” anunciam-se os diferentes estragos causados pelo temporal. O artigo jornalístico, colocado nas páginas um e dois, também não está assinado.⁶

O quinzenário *A Luz*, do dia 6 de Março de 1920, alude, na página 1 e com o título “Os ultimos temporais”, à tempestade que assolou a Ilha. A notícia ironiza a questão do castigo divino, terminando: “Ou não será tudo isto fantasia vossa povos crentes e idolatras, dum Deus que não existe, e é apenas a natureza, a eterna creadora, que opéra em todos os cataclismos que se dão no Cosmos?”⁷

Nenhuma das notícias referidas era acompanhada com imagens. Embora todos os artigos fossem “anónimos”, ao longo dos dias seguintes à tempestade, há referência a correspondentes em vários pontos da Ilha.

O conteúdo

“O conteúdo – informação, interpretação, opinião – dá sentido a todo o conjunto.”
(Lopes, sd: 6)

No dia 25 de Fevereiro de 1920, a Madeira era devastada por abundantes chuvas e ventos fortes que durariam vários dias. O *Diario de Notícias* de 29 de Fevereiro informou que continuava a chover torrencialmente. E, no dia 3 de Março, o mesmo periódico relatou que a grande ventania e as chuvas torrenciais causaram grandes prejuízos e o caudal das ribeiras voltara a subir. A tempestade em terra e no mar teve consequências visíveis por toda a Ilha: inundações provocadas pela obstrução das ribeiras e volume de água, derrocadas, queda de árvores, destruição de habitações (demolição de muros, inundações e telhados que voaram) – deixando mais de 500 famílias sem casa – derrube de vários postos telegráficos, destruição de canaviais e campos agrícolas e morte de animais (o que agravou ainda mais a já precária situação económica). *O Comercio da Madeira* narra que os estragos na agricultura são desoladores: “Nalguns locais o aspecto é pavoroso. Arvores arrancadas pela raiz, troncos quebrados, ceares meio inutilizados por profundos sulcos que as bravias aguas abrem”.⁸

No Funchal uma parte do bairro de S. Maria ficou inundada devido ao rebentamento de vários poços, tendo havido necessidade de transportar as pessoas de barco. Um destes rebentamentos provocou a inundação da pastelaria de Joaquim de Freitas, na rua de Santa Maria.⁹ Na cidade, a dificuldade de circulação e as chuvas torrenciais obrigaram muitos empregados de lojas comerciais a passarem a noite nos estabelecimentos. Devido às más condições “foi suspenso o serviço dos automóveis de praça depois das 7 horas da tarde, assim como o dos carros de bois.”¹⁰ O “carro automovel” que fazia a ligação Funchal-Caniço ficou retido nesta vila.¹¹ Em vários pontos da cidade a iluminação foi interrompida bem como as ligações telefónicas. O temporal provocou muitos danos nas comunicações: elevado número de linhas da rede telefónica partidas e estragos na “*tourelle*” e estação telefónica; linhas telegráficas ficaram avariadas em vários postos.

⁵*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sexta-feira, 27.02.1920, p.1

⁶*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Sexta-feira, 27.02.1920, pp.1 e 2

⁷*A Luz*, ano II, Funchal, 6.3.1920, p.1

⁸*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Sexta-feira, 27.02.1920, p.1

⁹*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Domingo, 29.02.1920, p.1

¹⁰*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 28.02.1920, p.3

¹¹*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, sexta-feira, 27.02.1920, p.1



Os lavadouros públicos existentes na praia, a sul do Teatro-Circo, ficaram inundados. Situação esta que veio agravar uma situação trágica já existente, isto, porque aí estavam duas idosas a viver em condições desumanas. Foram feitas várias tentativas para as retirar do local, mas sem sucesso, uma vez que estas tinham medo de ser internadas no Asilo de Mendicidade.

A zona do Monte sofreu grandes estragos, “o vento descolmou muitos prédios”, houve inundação da igreja paroquial, queda de árvores, prejuízos na agricultura, derrube de muros, estradas intransitáveis. Deu-se o abatimento das muralhas de suporte ao longo da estrada Funchal-Monte. *O Diário do Comércio* refere, ainda, que houve danos consideráveis na propriedade do sr. dr. Baltasar Gonsalves, no Monte.¹²

O edifício da Encarnação (Palácio da Junta Geral) foi alvo de vários estragos, devido a inundações e queda de árvores.¹³ Duas escolas – uma na freguesia de S. Roque e outra na freguesia de S. Gonçalo – ficaram grandemente danificadas, deixando de funcionar.

Segundo o quinzenário *A Luz*, o Funchal foi vítima de chuvas torrenciais que causaram inundações em várias ruas e bairros, alagando casas, destruindo “casebres de miseráveis”, tornando intransitáveis “vuelas estreitas e mal feitas”.¹⁴

A ponte dos Socorridos ficou danificada com a abertura de uma fenda devido ao volume de água. Na Freguesia do Estreito de Câmara de Lobos deram-se inúmeras quebradas (no sítio do Garachico houve terrenos arrastados mais de 200 metros), derrube de árvores, estragos em telhados e morte de animais. A estrada Câmara Lobos-Estreito ficou intransitável.¹⁵

Na Ribeira Brava, a grande enchente da ribeira ameaçou a vila, deixando a população em alvoroço. “A população ribeirabravense estava verdadeiramente alarmada, tendo saído uma procissão com a imagem do respectivo padroeiro S. Bento, que foi até à Ribeira.”¹⁶ As muralhas da ribeira ameaçavam ruir em vários pontos e as comunicações com a Serra de Água ficaram interrompidas. Na vila, a tempestade provocou prejuízos incalculáveis, principalmente nas propriedades privadas entre a Ribeira Brava e a Serra de Água. *O Comercio da Madeira* transcreve um telegrama enviado pelo Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Brava ao Governador Civil:

A ribeira saíu do seu leito e a povoação encontra-se seriamente ameaçada, sendo consideráveis os danos causados em prédios rusticos, palheiros e gado, no valor de dezenas de contos. // Imediatamente a autoridade superior do distrito telegrafou ao Sr. Ministro do Comercio relatando êstes factos e pedindo, com a maior instancia e urgencia, um credito para acudir, de pronto, ás reparações inadiáveis. // Também a Direcção das Obras Publicas distritais telegrafou no mesmo sentido á respectiva Direcção Geral.¹⁷

Em Março, *O Comercio da Madeira* relata que a vila corre novamente perigo devido à destruição da muralha, causada pelo volume de água da ribeira. Com o aumento da chuva, a população, “especialmente os mais expostos ao perigo”¹⁸, abandonou as habitações. Com troncos e pedras impediu-se que a água entrasse nos terrenos da vila. O presidente da Câmara Municipal da Ribeira Brava telegrafou ao Presidente da Comissão Executiva da Junta Geral do distrito solicitando que reduzisse o volume de água da ribeira e mandasse reparar a muralha. O temporal destruiu a habitação de Francisco de Abreu Renhim, pai de 5 filhos menores, tendo ficado sem bens. Na freguesia da Serra de Água, os prejuízos em casas e palheiros foram incalculáveis. A ponte da Ribeira do Pico ficou arrasada. As sementeiras de cereais ficaram destruídas e houve muito gado morto. Segundo o periódico não há memória de uma catástrofe desta dimensão.¹⁹

¹²*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, sexta-feira, 27.02.1920, p.1

¹³*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, sexta-feira, 27.02.1920, p.1

¹⁴*A Luz*, ano II, Funchal, 6.3.1920, p.1

¹⁵*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Domingo, 29.02.1920, p.1

¹⁶*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Domingo, 29.02.1920, p.3

¹⁷*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Domingo, 29.02.1920, p.1

¹⁸*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Terça-feira, 2.03.1920, p.1

¹⁹*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Terça-feira, 2.03.1920, pp.1 e 2

O mesmo periódico dá conta de outro telegrama da Ribeira Brava, onde, além da referência às melhorias do tempo e à diminuição do caudal da ribeira, se lamentava o facto de terem sido autorizados 2 mil escudos para melhoramentos na ribeira e nada ter sido feito, vivendo a população em sobressalto.²⁰

Na Ribeira Brava e Serra d'Água, segundo o semanário Trabalho e União,

os estragos foram incalculáveis, tendo a enxurrada arrastado para o mar propriedades e culturas, casas e animaes. // Na estrada ficaram enormes lombos, avivados com os temporais recentes, que lá estão ainda a atestar o desleixo da Junta Geral e que continuarão por muito tempo, quere-nos parecer, se um vento salutar não trouxer uma transformação radical á administração das coisas públicas, nesta Ilha, como é de urgente necessidade.²¹

Na Calheta houve grandes estragos na agricultura e árvores arrancadas. No Arco da Calheta caiu uma quebrada que vitimou cinco vacas. As águas da ribeira transbordaram numa das margens, originando muitos estragos. Os temporais provocaram danos na agricultura e destruíram cinco palheiros, o que levou à morte de cinco vacas por afogamento. Uma casa foi arrastada, ficando a família da viúva Jesuina de Jesus na miséria. A propriedade do sr. Flavio Freitas Albuquerque também foi arrastada para o mar²² e o sr. Henrique Figueira da Silva, residente no Estreito da Calheta, perdeu 150 pinheiros .²³

A Madalena do Mar registou estragos incalculáveis nos campos agrícolas, principalmente nas plantações de bananeiras e cana-de-açúcar, deixando a população na miséria. A subida da ribeira provocou várias inundações, demolição de habitações e destruição de palheiros de criação de gado. A estrada nacional n.º 23 ficou intransitável impedindo a distribuição de correio e a comunicação com a Ponta do Sol e o Arco da Calheta. *O Diario de Notícias* de 6 de Março relatou que o vigário teve necessidade de se refugiar na casa do sr. Pestana Reis, abastado proprietário local, visto que o prédio onde morava não oferecia garantias de segurança. O sr. Augusto Cesar Ferraz, professor oficial, retirou da sua habitação alguns móveis, uma vez que esta se encontrava inundada. O ex-regedor, sr. Arsénio Coelho, recebeu na sua casa 7 ou 8 casais, porque as habitações destes não ofereciam segurança.²⁴

O Paul do Mar ficou isolado pelo temporal, deixando a população com fome e sem correio. Os estragos foram superiores a 50 000 escudos.²⁵

Em Santa Cruz e Machico houve grandes prejuízos, porém, devido à interrupção das comunicações, não havia actualização de informação.

No norte da ilha o temporal teve uma “extraordinaria violencia”²⁶, causando muitos estragos materiais. Em S. Vicente, a estrada nacional ficou muito danificada, provocando enormes prejuízos. Na Camacha, além da obstrução da levada que atravessa a freguesia e que ameaçou rebentar, registaram-se duas mortes.

No mar, várias embarcações viram-se em perigo, tendo sido algumas rebocadas. Em Câmara de Lobos desapareceram quatro embarcações de pesca com a respectiva tripulação; o barco *Arriaga*, do Porto Santo, que saiu do Funchal com vários passageiros (entre eles o “recebedor daquele concelho [Porto Santo] e o encarregado do correio.”²⁷), não chegou ao destino; faltavam 3 barcos de pesca de Machico: um foi para as Desertas e os outros deveriam estar no Porto Santo para onde tinham ido pescar; faltava uma fragata da casa Blandy e outra da casa Cory.

²⁰*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Terça-feira, 2.03.1920, pp.1 e 2

²¹*Trabalho e União*, ano XIV, Domingo, 27.03.1921, p. 2

²²*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Quarta-feira, 3.03.1920, p.2

²³*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Quinta-feira, 4.03.1920, p.2

²⁴*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 6.03.1920, p.1

²⁵*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Quinta-feira, 4.03.1920, p.2

²⁶*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Domingo, 29.02.1920, p.3

²⁷*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 28.02.1920, p.3

No respeitante às mortes, os periódicos *Diario de Noticias* e *O Comercio da Madeira* referem:
- uma vítima no mar:

Como o barco corresse o perigo de revirar, o Alexandre Fernandes atirou-se ao mar, afim dese salvar a nado, mas fê-lo com tanta infelicidade que pereceu. [...] O Alexandre Fernandes trabalhava há muitos anos no Cabrestante e era muito estimado pelo seu patrão sr. Carlos Cossart, acompanhando este nas suas caçadas nesta ilha e nas Desertas. Era casado e deixa viúva e 8 filhos na orfandade e talvez também na miséria;²⁸

- duas vítimas em terra:

foi encontrado no caminho da Lazareto o cadaver dum infeliz giba, de nome João Rodrigues de Freitas, que era servo do sr. José Miguel Gomes, proprietário da «Mercearia Favoravel», á rua de Latino Coelho. [...] Dizia-se que tinha morrido na serra um árabe dos que vendem quinquilherias no Largo da Praça, mas nada conseguimos averiguar sobre o caso..²⁹

No Campanário, sítio da Corujeira, a parede de uma pequena casa soterrou uma família, morrendo a “pobre mulher que estava prestes a dar á luz. // A infeliz vitima deixa bastantes filhinhos quasi todos menores, os quais ficaram sem abrigo.”³⁰

Com os 4 barcos desaparecidos em Câmara de Lobos, “eleva-se a 20 o numero de vítimas”³¹ e “são 10 famílias que ficam sem amparo, além de outras tantas que perderam os seus filhos queridos.”³² Na mesma vila regista-se a morte de “um rapaz de 17 anos de idade”³³. A queda de uma quebrada numa casa, na Camacha, provoca a morte de uma mulher e uma criança.

O *Diario de Noticias* relatou ainda vários acidentes mais pequenos, que identificou de “Vários Pormenores”, tendo alguns um carácter caricato, como: prejuízo na casa Leacock & C.^a, na dependência da secção de bordados; várias “quebradas”; 22 ciprestes caíram no cemitério das Angústias; desabamento duma parede no caminho que liga a freguesia de S. Roque com a do Monte; o estuque do tecto na sala da biblioteca municipal desabou; voou um pavilhão envidraçado – onde se vendiam bordados – à Rua do Comércio com ligação à 5 de Outubro; tombou o catavento da igreja de S. Pedro; o Ribeiro da Nora e o Ribeirinho de Baixo ficaram obstruídos; prejuízos no teatro Dr. Manuel de Arriaga, devido à inundaçãõ de alguns camarins e destruição de um dos globos da iluminação das portas; no Ribeiro do Til foi destruída uma passagem; foram atiradas ao chão várias tabuletas, nomeadamente dos “Armazéns do Chiado” e da “Barbearia Central”; derrube do urinol que estava a ser construído na Avenida Dr. Manuel d’Arriaga. Relativamente a esta última destruição, o *Diario de Noticias* de 3 de Março ironiza, divulgando um “Repto!” assinado por X., onde se pode ler:

O temporal arrastou o urinol da Avenida Arriaga até junto do Teatro» noticias dos jornais // [...] Vou levantá-lo, sim, com toda a pompa // Vou erguê-lo num gesto criador, // Ergu-lo sem medo á tua pompa, // Porque sei o que é ser vereador ... // Vai ser ali o eixo do turismo // Vai ser aquilo o germe do progresso; // E vou propôr ferrar-te um sinapismo // Em Abril, ao reunirmos o Congresso.³⁴

Quanto à memória de desastres³⁵ podemos destacar que, entre os periódicos analisados, há poucas referências à memória do temporal de 1920. O *Diario de Noticias*, do dia 28 de Fevereiro de 1920, faz uma alusão a um desastre ocorrido em 1914: “Em novembro de 1914 registou-se no Funchal uma tempestade idêntica ás dos dias 25 e 26.”³⁶

²⁸*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sexta-feira, 27.02.1920, p.1

²⁹*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sexta-feira, 27.02.1920, p.1

³⁰*O Comercio da Madeira*, ano I, Funchal, Domingo, 29.02.1920, p.1

³¹*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 28.02.1920, p.3

³²*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 28.02.1920, p.3

³³*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 28.02.1920, p.3

³⁴*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Quarta-feira, 3.03.1920, p.3

³⁵Questão central do Projecto “(Des)Memória de desastre? Cultura e perigos naturais Madeira, um caso de estudo”.

³⁶*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sábado, 28.02.1920, p.3

O mesmo jornal, um ano após o desastre, referiu:

Faz amanhã um ano que, sobre esta ilha, se desencadeou uma furiosa tempestade de chuva e vento, causando importantes prejuízos materiais em diferentes freguesias. // Os mais velhos não se lembravam de ter assistido a uma borrasca tão violenta e persistente, como a da tarde e da noite do referido dia 25.³⁷

Foi ainda relatado que, mandada rezar pela viúva, na Sé Catedral, seria celebrada uma missa em nome de Alexandre Fernandes que morreu no molhe da Pontinha, um ano antes, quando procedia ao salvamento de uma fragata.³⁸

O *Trabalho e União*, a propósito de uma tempestade que assolou a ilha em Março de 1921, também lembrou o sucedido no ano precedente: “Foram formidáveis os temporais que se desencadearam sobre a Madeira, na semana passada. // De diversas partes veio nota resumida de prejuízos, que foram importantes. // Deu-se o mesmo no ano passado, pouco mais ou menos por este tempo.”³⁹

O temporal de 1921 foi também narrado pelo *A Luz*, que deu especial ênfase ao sucedido na Ribeira Brava e Machico, mas não fez qualquer menção a 1920.⁴⁰

O *Comercio da Madeira* dos dias 25, 26 e 27 de Fevereiro de 1921, não fez qualquer referência ao ocorrido no ano anterior.

Nestas notícias é bem visível o carácter informativo, a necessidade de descrição ao pormenor. O jornalismo de informação, que remonta ao século XIX, o século da industrialização da informação e da cultura, valoriza a notícia em detrimento da opinião. Vive-se uma verdadeira “obsessão” pelos factos, pelo relato da actualidade. (Lopes, sd: 2).

Algumas curiosidades relacionadas com o temporal

O *Diario de Noticias*, no dia 3 de Março, publicou uma notícia com o título “Cronica da Semana. Sumario: As catástrofes temporais. O que diz um sabio. Uma das causas das tempestades. O debaste das florestas e matas. Um bom conselho”, assinada por F. J. O artigo, colocado no canto inferior direito da página 3, critica a destruição da floresta e a acção nefasta do ser humano, responsabilizando-o pelas consequências do temporal.⁴¹ Segundo o autor do texto, que se apoia nas ideias do francês Eugénio Huzar:⁴²

as grandes tempestades que, uma vez por outra, assolam continentes, ilhas e cidades inteiras resultam quase sempre das modificações a que o homem, cheio de orgulho, ambicioso do poder, ávido do progresso, tem sujeito a Natureza, modificações que tem exercido funesta acção nos climas, no aspecto e qualidade do solo, tais como a abertura de istmos, a perfuração de montanhas, a exploração de minas e o desbaste de florestas e matas. // Chego exactamente ao ponto que mais nos toca de perto: ao desbaste das florestas e matas, á obra vandálica, fundamentalmente estúpida e criminosa, que se tem exercido, nêstes últimos anos, na arborização das nossas serras, contra o que êste jornal tem tantas vezes reclamado em vão, fazendo sentir os males e os perigos que podem resultar e já tem resultado de semelhante prática, para a agricultura

³⁷*Diario de Noticias*, 45º ano, Funchal, Quinta-feira, 24.02.1921, p.1

³⁸*Diario de Noticias*, 45º ano, Funchal, Quinta-feira, 24.02.1921, p.1

³⁹*Trabalho e União*, ano XIV, Domingo, 27.03.1921, p.2

⁴⁰*A Luz*, ano III, Funchal, 20.3.1921, p.2

⁴¹*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Quarta-feira, 3.03.1920, p.3

⁴²*Autor de A arvore da ciência e O fim do mundo pela ciência.*

e clima da Madeira, prática consciente da ambição do homem que foi em agosto do ano passado favorecida e secundada pelos grandes incêndios cujo espectáculo *horripelmente belo* apavorou muita gente. [...] // De facto, algumas das montanhas desta ilha, em consequência da devastação das suas espessas matas de pinheiros e doutras preciosas essenciais florestais, dão a impressão fria de uma calvicie desoladora.⁴³

O mesmo periódico, na mesma página, publica uma notícia intitulada “As inundações: falta de providencia”. Esta começa com uma referência ao transbordo da ribeira de Santa Luzia, em Novembro do ano anterior, tendo danificado culturas e habitações e à advertência, feita pelo mesmo diário, para que a Direcção das Obras Públicas tomasse as devidas precauções. Conforme o jornal, nada foi feito, tendo sucedido o mesmo nesse ano de 1920. Segundo a notícia, o extravaso das ribeiras deve-se à “[...] plantação de culturas várias e até de árvores frondosas, como se observa não só na ribeira de Santa Luzia, como na de São João e nas restantes da ilha. // E não se limita a imprevidencia á cultura dos leitões das ribeiras: vai mais longe, porque ali até se constroem predios de moradia, como é do dominio publico.”⁴⁴ A nota termina com um apelo às autoridades para que proibam as culturas e as construções nas margens das ribeiras, de modo a minimizar as gravosas consequências das chuvas.

No dia 5 de Março, o mesmo jornal publica uma notícia assinada por João da Beira e intitulada “O temporal pondo a nú o atraso vergonhoso do Funchal. Fantasias e Industria do Turismo”. Aqui, na notícia colocada no canto inferior esquerdo da página 2, o autor descreve o atraso da cidade e indica medidas de melhoramento da mesma para incentivar o turismo. Segundo João da Beira,

o Funchal, que é a cabeça do distrito, tem que ser percorrido de muletas e com o lenço no nariz. De muletas, para que assim possa evitar-se com mais facilidade o eminente desequilibrio que o sebo e os profundos buracos no detestavel pavimento das ruas, podem, com más consequencias, dar lugar, e, com lenço no nariz, por falta de aceio, de decencia, que em toda a parte se nota, o que não é de hoje nem de ontem, mas de sempre.”⁴⁵

Este estado de desleixo em que se encontrava a cidade piorou com o temporal.

⁴³*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Quarta-feira, 3.03.1920, p.3

⁴⁴*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Quarta-feira, 3.03.1920, p.3

⁴⁵*Diario de Noticias*, 44º ano, Funchal, Sexta-feira, 5.03.1920, p.2

Bibliografia e Webgrafia

- "O Fim do Mundo: Pela Ciência / Eugénio Huzar". Biblioteca Nacional de Portugal. [em linha]. [consultado 16/10/2013]. Disponível em <http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=12MG177068033.742381&profile=bn&uri=link=3100018~!920716~!3100024~!3100022&aspect=basic_search&menu=search&ri=1&source=~!bnp&term=Huzar%2C+Eug%C3%A9nio&index=AUTHOR>

- LOPES, Paula Cristina, Jornalismo e linguagem jornalística: Revisão conceptual de base bibliográfica, Universidade Autónoma de Lisboa. [Em linha]. [Consultado 22/01/2013]. Disponível <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-linguagem.pdf>>

- PEIXINHO, Ana Teresa, O Epistolar como modo comunicacional da imprensa de opinião do século XIX, Universidade de Coimbra. [Em linha]. [Consultado 22/01/2013]. Disponível em <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/357/342>

Imprensa Regional:

- *Diário de Notícias* (anos de 1920 e 1921)

- *O Comercio da Madeira* (primeiro semestre dos anos de 1920 e 1921)

- *Trabalho e União* (anos de 1920 e 1921)

- *A Luz* (anos de 1920 e 1921)

